

ESPORTE DE INVASÃO NA PERSPECTIVA DE AULAS ABERTAS DE ENSINO:

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

MSNDA. ISABEL BATISTA FREIRE

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade
Federal do Rio Grande do Norte/UFRN

DRA. ROSIE MARIE NASCIMENTO DE MEDEIROS

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN
Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN

Resumo | O presente estudo objetiva descrever e refletir a respeito de uma experiência pedagógica, sustentada na problematização da concepção de aulas abertas com alunos do Ensino Fundamental II, tendo como referência o Rugby. É um relato de experiência vivido no centro de ensino Facex na cidade de Natal, no período de abril e maio de 2015. O estudo foi baseado no relatório final das ações desenvolvidas durante as aulas ministradas. Dessa maneira, defendemos a desmistificação de concepções tecnicistas colocando em evidência uma prática pedagógica possível e capaz de traduzir a essência da área, expondo a importância de um planejamento sistematizado, sendo ele capaz de fornecer subsídios significativos à formação de um ser.

Palavras-chave | Esporte de invasão; Aulas Abertas; Educação Física Escolar.

REFLEXÕES SOBRE O CENÁRIO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Começamos a entoar pensamentos que são reflexos da atual realidade da Educação Física nas escolas brasileiras. Muitas delas ainda retratam um modelo de educação tecnicista, apontando para tendências pedagógicas por vezes ultrapassadas. Diante disso, é possível adentrar sem muitas dificuldades no momento em que as escolas se encontram atualmente.

O poder concentrado em ideias distintas do que a sociedade vive é apenas reflexo deste contexto, é preciso dialogar com o mundo envolvente, com as comunidades, com as famílias, com os ciclos afetivos, na verdade, é preciso compreender a diversidade cultural, histórica, ética e social que compõe a sociedade brasileira.

Nesse sentido, é perceptível a dificuldade de muitas escolas guiarem suas propostas pedagógicas, algumas por não quererem e outras por realmente não conseguirem aderir a este pensamento, visto que, não é um trajeto fácil, porém, extremamente necessário para trilhar novos caminhos para a educação, pensando-a de forma sensível, não fragmentada, baseada nos ideais das experiências vividas dos alunos, professores, diretores e funcionários.

É importante destacarmos que esse discurso não é uma generalização, uma vez que, existem muitas propostas pedagógicas nos dias de hoje as quais incorporam uma educação sensível. Os avanços ocorrem dia a dia: no contato, na conversa e na troca de conhecimento que o professor estabelece com seus alunos, na criatividade do planejamento, na formação continuada do professor, na construção e formação de seres críticos, na tentativa de inserção dos indivíduos no mundo da cultura e da arte, sem falar nos diversos projetos sociais que contemplam o interesse em ampliar as experiências sensíveis dos alunos, ou os próprios programas de bolsas que viabilizam o contato dos milhares de estudantes dos cursos de licenciatura nas escolas e suas características peculiares. Enfim, esses são apenas alguns avanços que não devemos deixar de lado ao pensar a escola.

Nesta perspectiva tomamos como referência a Educação Física, nosso ambiente de estudo, por encontrar nela subsídios que constroem novas formas de lidar com a educação.

Compreendemos que a aprendizagem não ocorre longe do corpo, ela se dá no corpo, nas relações em que o aluno estabelece com seu mundo. Nesse contexto, Nóbrega (2005) afirma: “A aprendizagem humana também não pode ser reduzida em função do aspecto lógico, relegando a planos inferiores a sensibilidade” (p. 45).

Nesse sentido, o referente estudo nos propõe trabalhar nas aulas de Educação Física novas formas de lidar com seus conteúdos, pautados na troca de significados presente entre os seres envolvidos e o que os envolvem, dialogando, problematizando e construindo saberes, ou seja, vivendo a educação.

Para isso objetivamos descrever e refletir a respeito de uma experiência pedagógica, sustentada na problematização da concepção de aulas abertas com alunos do Ensino Fundamental II de uma escola particular da cidade de Natal/RN. Tomamos como referência o conteúdo Esporte na categoria Esportes de invasão, ao tratar especificamente do Rugby e consequentemente desmistificar concepções tecnicistas colocando em evidência uma prática pedagógica possível e capaz de traduzir a essência da área.

Esse estudo foi constituído de um relato de experiência vivido dentro de uma instituição particular, baseado na concepção de aulas abertas, desenvolvida com os alunos do 9º ano do ensino fundamental II por meio de uma intervenção referente ao estágio supervisionado promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte em seus cursos de Licenciatura.

Foi realizado no Centro de ensino Facex - Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte – situada no bairro de Capim Macio na cidade de Natal, no período final de abril e início de maio de 2015. Foram três encontros marcados com duração de 45 minutos, acontecendo após todas as aulas do dia. O estudo construído foi baseado no relatório final das ações desenvolvidas durante as aulas ministradas.

Durante as observações percebemos que os alunos seguiam um ritmo de aula bastante tradicional, tendo sempre o alongamento em roda seguido da atividade principal, terminando com a chamada. A frequência dos alunos nas aulas de Educação Física era baixa, visto que, a escola propunha aos que praticavam esportes a não realização das aulas da Educação Física.

Após o período observado, em conversa com o professor, foi sugerido um planejamento com o mesmo conteúdo que ele estava dando, sendo então, esportes na categoria esportes de invasão.

ESPORTES DE INVASÃO SOB A PERSPECTIVA DE AULAS ABERTAS

Pensar os esportes na Educação Física remete-nos a um pensamento antigo ao qual a área sempre esteve bastante vinculada em toda a sua história. Nas aulas de Educação Física, a abordagem do esporte estava normalmente associada à higiene, à formação moral e posteriormente ao rendimento, quadro este que vai se modificando a partir da década de 90, ao entrar em contato com a compreensão da cultura corporal e da cultura de movimento (BRASIL, 1998; COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A prática pedagógica do esporte congrega diversas dimensões capazes de influenciar na formação de um indivíduo, desde a ética, a cooperação, a solidariedade, a busca pela autonomia, entre outros aspectos; sempre superando a ideia de eliminar o mais fraco, deixando claro o aspecto do respeito às diferenças.

O esporte é um conteúdo capaz de disseminar saberes em diversos âmbitos, não somente algo a ser disponibilizado na eficiência da técnica do movimento para o rendimento, mas podendo ser pensando como um conteúdo repleto de ângulos oportunos a várias problematizações. Nesta perspectiva, apontamos, em nossa experiência, a alternativa de vivenciar os esportes a partir da concepção de aulas abertas.

Essa expressão “Concepções abertas de ensino” foi bastante divulgada no país pelo estudo de HILDEBRANDT & LAGING (1986), denominado “Concepções abertas de ensino da Educação Física”. Neste livro encontramos diversas possibilidades de ensino nas aulas abertas, sobretudo convidando os alunos a estarem concomitantemente participando da construção do conteúdo a ser ministrado. “O planejamento e a execução do ensino são, desse modo, tarefa de todos os que dele participam, ou seja, do professor e dos alunos” (HILDEBRANDT & LAGING, 1986, p. 11)

A atuação ativa dos alunos na reflexão e planejamento juntamente com o professor às diversas situações de ensino durante a aula é o que sustenta esta concepção, é a verdadeira justificativa para o processo interativo disseminado por HILDEBRANDT & LAGING (1986).

Neste pensamento, o presente estudo compreende o esporte como um desafio, como uma realidade que precisa cada vez mais construir possibilidades e desconstruir ideais baseadas no tecnicismo.

No que refere-se ao Esporte Educacional, visando especificamente o seu desenvolvimento, a Secretária Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (SNELIS) propõe uma coleção denominada “Práticas Corporais e a Organização do conhecimento” a fim de estabelecer categorias do esporte que consigam reunir ideias para que possam ampliar significativamente a qualidade das ações com todos os envolvidos nesta prática. Nesse sentido, baseamos nossa intervenção na categoria “Esportes de Invasão”.

Dessa forma, os esportes de invasão são modalidades em que “as equipes tentam ocupar o setor da quadra/campo defendido pelo adversário para marcar pontos (gol, cesta, touchdown), ao mesmo tempo em que têm que proteger a própria meta. Esta categoria reúne um conjunto de esportes muito populares em diferentes partes do mundo (...)” (GONZÁLEZ, DARIDO E OLIVEIRA, 2014, p. 63).

González et al. (2014) ainda nos mostra os esportes de invasão como atividades realizadas entre equipes, onde pode ser jogado em quadras ou campos retangulares e ao mesmo tempo onde uma equipe tenta avançar e outra tenta impedir os avanços.

A EXPERIÊNCIA

Muito parecido com o Futebol Americano, o Rugby é um esporte que prima pelo coletivo; mesmo sendo de bastante contato, ele congrega valores e ensinamentos de respeito entre seus companheiros, adversários, arbitragem e torcedores.

Nesta perspectiva, houve a primeira aula para o 9º ano “A”, uma turma pequena, calma, com cerca de 20 alunos em quadra, extremamente tranquilos, prontos para ouvir, aptos a conversas e atividades; suas características eram semelhantes a alunos do ensino médio.

De início, em roda, conversamos sobre o Rugby de uma forma geral, falamos de suas principais características, regras e semelhanças com

outros esportes, foram nas semelhanças que os alunos se desprenderam e acabaram contribuindo com os outros que não conheciam o esporte.

A partir disso, foi realizada uma brincadeira envolvendo curiosidades e regras sobre o esporte; eles tiravam de uma caixinha papéis que continham alguma informação, socializavam e tentavam entender ou explicar, caso soubessem. Esse momento foi bastante rico, visto que, ficou claro como podemos construir em quadra a dimensão conceitual de uma aula, especificamente de um esporte, pois Darido (2003) nos confirma a evidencia da falta de tradição da área no encaminhamento dos conteúdos em uma dimensão conceitual, porém, correlacionar essas dimensões em aula é um fato possível e que deve sempre ser explorado. Darido (2012) continua esse pensamento afirmando:

Esses conteúdos não devem ser ensinados e aprendidos pelos alunos apenas na dimensão do saber fazer (dimensão procedimental dos conteúdos), mas devem incluir um saber sobre esses conteúdos (dimensão conceitual dos conteúdos) e uma saber ser (dimensão atitudinal dos conteúdos), de tal modo que possa efetivamente garantir a formação do cidadão a partir de suas aulas de Educação Física Escolar. (p. 62)

Como atividade principal, propusemos um jogo baseado na essência do Rugby, que é fazer o gol levando a bola para a linha do gol do campo adversário, no qual cada time teria que construir duas regras. Diante desse pedido colocamos em ação o estilo de ensino solução de problemas, fundamentada em uma ação comunicativa problematizadora, que visa à interação responsável e produtiva da relação professor/aluno, aluno/aluno. Segundo HILDEBRANDT & LAGING (1986, p. 44):

Os alunos, nessa concepção precisam ter a possibilidade de formar autonomamente grupos, preferencialmente em pequenos grupos, sendo parte da metodologia e um meio efetivo para solução de problemas durante a aula e que se transportam para solução de problemas fora da escola. Estas situações, seus desdobramentos e variações devem ser estimulados pelo professor e promovidos através do processo de ensino. O professor deve permitir o agir autônomo, o trabalho em grupos, formados por associação espontânea, o agir criativo, aceitar mudanças de acordo com interesses, necessidades, e motivações dos alunos.

Quando o jogo foi posto em ação, percebemos a dificuldade na execução, ou até mesmo na gravação de algumas regras, mas com o decorrer,

essas dificuldades foram desaparecendo. O jogo seguiu e perto do fim da aula, sentamos em roda novamente para conversarmos sobre as dificuldades encontradas no decorrer da atividade e se eles tinham gostado.

Destacamos esse momento por encontrar nele sentidos suficientes para caracterizá-lo como propulsor da autonomia, visto que é no dialogar, no expor, no perguntar, no ir de encontro que reorganizamos nossos princípios e identidades que são reflexos do conhecimento de si no mundo.

A atuação ativa dos alunos na reflexão e planejamento juntamente com o professor às diversas situações de ensino durante a aula é o que sustenta esta concepção, é a verdadeira justificativa para o processo interativo disseminado por HILDEBRANDT & LAGING (1986), pois, esse contexto nos conduz a pensar sobre o momento em que “o aluno se torna sujeito de seu próprio processo de aprendizagem”. (p. 7).

Na conversa, de forma unânime os alunos adoraram a ideia de criar as regras, foi algo que afirmaram ser “diferente” e difícil, por isso gostaram, contaram também sobre perceber que, mesmo sendo regras criadas ali, estava clara a essência do Rugby, o fundamento básico para fazer gol.

Na segunda aula de forma inicial retomamos a aula passada, os indispensáveis conceitos do Rugby, em seguida apontamos como trabalharíamos os principais fundamentos do esporte, montando e construindo um jogo aos poucos e de uma forma diferente. Como forma de aquecimento, explorando o contato e o toque que tanto é solicitado no Rugby, propusemos o “jogo da minhoca” onde a turma, dividida em duas, formariam filas, nessas filas cada um iria se posicionar em contato com a pessoa da frente segurando-a pela cintura, assim, a primeira da fila teria que alcançar a pessoa que está no fim da fila adversária. Dessa maneira, pensando no contexto da ludicidade, Oliveira (2005) nos evidencia que o resgate do lúdico é um dos elementos relevantes na possibilidade de trabalho, onde a proposição existente é a da “reinvenção” do esporte.

Na atividade seguinte, sugerimos a divisão da turma em duas equipes, onde o “ponto” seria conseguir passar a bola por todos os integrantes do grupo, lembrando sempre a ideia principal do Rugby, de passar a bola para frente com o chute e para os lados e para trás com as mãos.

Aos poucos, no decorrer do jogo, intervíamos e acrescentávamos fatores que tornavam a atividade mais dinâmica, como o gol sendo atrás da linha do goleiro, o segurar a bola por pouco tempo. Além disso, paramos o jogo no intuito de trabalhar com eles as ideias de estratégias, ou seja, pedindo para eles criarem formas ou tentativas de conseguir entrar na quadra adversária de maneira mais rápida e lógica, logo depois, houve a sugestão para que os alunos se colocassem em posições parecidas com as do Rugby e dessa forma o jogo foi ficando bem mais dinâmico; HILDEBRANDT & LAGING (1986) coloca-nos a importância de preparar para os alunos diversas possibilidades de vivenciar o mundo esportivo em uma aula:

O ensino da Educação Física deve capacitar os alunos a tratar de tal modo os conteúdos esportivos nas mais diversas condições dentro e fora da escola, que estejam em condições de criar, no presente ou no futuro, sozinhos ou em conjunto, situações esportivas de modo crítico, determinadas autonomamente ou em conjunto (1986, p. 7).

Na terceira aula, retomamos o conteúdo trabalhado da aula passada, em seguida foi explicitado que trabalharíamos com um tipo de TAG Rugby, voltado para a iniciação e bem adequado para o espaço, já que as aulas acontecem na quadra.

Seguimos construindo com os alunos outras regras, as estratégias e o que cada time poderia estar contribuindo para tornar o jogo mais dinâmico, acrescentamos ainda aspectos próprios do jogo, como a presença dos árbitros colocando em prática os cartões e como eles poderiam identificar uma infração.

Na roda final, conversamos e questionamos se haviam gostado da prática do TAG Rugby, todos sem sombra de dúvidas disseram que sim, pois esse tipo de Rugby é menos “agressivo”, não precisava cair e para fazer o gol é só passar da linha de ensaio, sem ter a necessidade de tocar a bola no chão. Afirmaram também que a maior dificuldade neste tipo de Rugby é pegar a fita na cintura dos adversários.

Logo depois, conversamos com os alunos sobre as aulas, levando em conta que essa seria a última. Assim, indagamos se havia ficado algo a

respeito do Rugby e mais uma vez todos demonstraram ter compreendido o que foi exposto durante as aulas, seja sobre o esporte, o jogo em si ou até mesmo as principais regras.

Como maior dificuldade nas aulas, a maioria dos alunos citaram o não poder passar a bola para frente com as mãos e realmente observamos que muitos não assimilavam as diferentes formas de passar a bola. Como pergunta final, questionamos se haviam gostado das aulas e a resposta foi novamente positiva, os alunos disseram ter gostado, uns, pelo fato de terem sido aulas diferentes, outros por gostarem de entender o esporte de perto, na conversa e na prática das regras, ou seja, na própria vivência.

Dessa forma, percebemos o quanto um planejamento sistematizado pode disseminar aspectos inimagináveis de uma prática corporal, seja com qualquer conteúdo, os professores possuem todo o aparato para fazer a diferença na escola e conseqüentemente na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos este envolvimento com todo o contexto escolar, através das atividades desenvolvidas, como caminhos positivos em relação às dimensões que compõe o ser humano; as aulas tinham como intuito trazer para aquele momento a oportunidade de, literalmente, todos participarem de uma prática nova, de estabelecer novas formas de relações com os alunos, através, principalmente, do diálogo e da conversa, além de proporcionar o compreender a essência do conteúdo proposto.

Compreendo este contato com a realidade escolar como forma de compreender o real significado da licenciatura, observar, acompanhar, vivenciar a prática e perceber o quão importante e essencial a educação é na vida das pessoas. É na realidade uma conscientização sobre a responsabilidade da Educação Física na vida dos seres em formação.

Destacamos o relato aqui descrito como apenas uma das infinitas possibilidades a serem trabalhadas nas aulas de Educação Física, mesmo com suas limitações, cabe tentarmos ampliar a nossa prática docente em suas diversas formas de atuação. Acredito que o registro fica para possíveis desdobramentos, disseminações de conhecimentos e saberes.

Dessa maneira, defendemos ainda neste texto a importância de um planejamento sistematizado, sendo ele capaz de fornecer subsídios significativos à formação de um ser, no alcance de um objetivo determinado. Terminamos o texto afirmando que ser professor não é fácil, para seguir na profissão é preciso entender de que forma a sua participação influencia na construção de sentidos e significados no desenvolvimento de um ser.

REFERÊNCIAS

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corporeidade e Educação Física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito**. Natal/RN: EDUFRN Editora da UFRN, 2005.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física, 3º e 4º ciclos, v. 7**, Brasília: MEC, 1998b

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

OLIVEIRA, Sávio Assis de. **Reinventando o esporte: possibilidades de prática pedagógica**. 2. Ed. – Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2005. – (Coleção educação física e esportes).

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola: Conteúdos, duas dimensões e significados**. Unesp, 2012

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. & LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da Educação Física**. Trad. Sonnhilde von der Heide. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. **Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física**. 2 ed. Ijuí: Unijuí, 2003. (Coleção Educação Física).

Gonzáles, Fernando Jaime et al. (Orgs.). **Práticas corporais e a organização do conhecimento – Esportes de Invasão**. Eduem, 2014.

Recebido: 22 janeiro 2016

Aprovado: 26 julho 2016

Endereço para correspondência:

Isabel Batista Freire

Avenida Ayrton Senna, 91

Serrambi V, bloco 15, apto 301

Nova Parnamirim

Natal – RN

CEP: 59080-100

isabfreire@hotmail.com